

BOI DE TAINHA

Algum tempo atrás duas chamadas na primeira página de um jornal de grande circulação em Santa Catarina me chamaram a atenção.

Em tom de denúncia, uma das manchetes alardeava mais uma ocorrência de uma polêmica tradição do litoral catarinense. Após movimentos contrários a este festejo popular, tal prática foi enfim criminalizada, sendo hoje inscrita entre os atos passíveis de coerção policial, punível com detenção, indiciamento e por aí vai. Tendo em vista essa inscrição, a festa popular é hoje ilegal – acho que sem possibilidade de reversão –, por conta também da verdadeira comoção social construída em torno do tema.

Para todos os efeitos, não parece hoje ser politicamente saudável defender a festa do boi. Excessos que progressivamente foram sendo cometidos contra os animais, aliados a uma aparente maior consciência social contra maus tratos, conduziram inexoravelmente à criminalização da festa, passando ela hoje inclusive a ser denominada de farra, em vez de festa do boi, como originalmente acontecia. Muito interessante a nova denominação.

Sou um convicto defensor dos animais. Todos eles. Seja uma minúscula formiguinha, um boi, uma baleia ou um *homo sapiens*, compadeço-me de todos que são vítimas da prepotência e da brutalidade que diuturnamente destilamos contra nossos parceiros da Terra-mãe, ao mesmo tempo em que vocifero – mentalizo! – pragas contra os autores dos atos abomináveis.

A foto que ilustrava a manchete não deixava dúvidas de que esta é de fato uma prática condenável. O animal sofria, atarantado, fustigado, exalando uma reação de contrariedade extrema ante a situação.

Imediatamente abaixo dessa manchete denunciante, outra exaltava com pompa e glória uma prática também bastante tradicional no litoral catarinense: a pesca da tainha. Com orgulho, a manchete anunciava um maravilhoso “lance” – ou “lanço”, como por aqui os naturais dizemos –, que capturou alguns milhares desse peixe. Proteína à vista, sinal de que logo, logo teríamos as bancas do mercado público cheias, comerciantes faceiros, tainhas na brasa, restaurantes bombando... uma felicidade só!

Com todo o meu pretendido pendor pela defesa dos seres vivos, aprecio moderadamente uma posta de tainha frita – com pirão d’água –, um churrasco no ponto ou uma boa “coxinha da asa” de frango. Também trucidado uns mosquitos que cometem o grave delito de infernizar as minhas noites e confesso que já mandei “dessa pra melhor”, feito um carrasco cruel, alguns camundongos que uma ocasião resolveram se hospedar na minha casa. Isso fora as incautas baratas que tenho de abater por conta da manutenção da ordem doméstica.

A natureza assume para nós o papel de grave inimigo a ser vencido. Lutamos para dela extrair o nosso sustento; e ela não parece disposta a nos entregar os seus tesouros assim tão facilmente. Trabalhamos arduamente para apagar de nós traços que nos denunciam sermos parte dela. Não medimos esforços para criarmos uma “natureza artificial”, que engendramos para nos defender dos matreiros e ardilosos ataques com que a “natureza natural” nos achaca.

Os rituais tauromáquicos, nas várias culturas e nas mais variadas vertentes, não parecem ser menos que respostas atávicas que desenvolvemos para reificar nossos embates com nossos mitos, medos e sonhos. As técnicas da caça e da pesca no mínimo devem tangenciar muito próximo essa interpretação.

A foto que ilustrava a segunda manchete também não deixava dúvidas: os animais sofriam, atarantados, fustigados, exalando uma reação de contrariedade extrema ante a situação. Interessante perceber que as tainhas se debatendo desesperadamente para afastar de si o cerco da morte despertam entusiasmada admiração até dos mesmos indivíduos que peleiam ferrenhamente contra a festa do boi.

Já vi muita gente fazendo verdadeiros mutirões para salvar uma baleia encalhada – atitude elogiável sob vários aspectos –, mas não levantar um dedo para se rebelar contra propagandas que mostram, por exemplo, mosquitos, moscas e baratas agonizantes ante a

ação de atozes inseticidas. Bom, talvez estes sejam considerados seres de segunda categoria, inferiores. Talvez por serem eventuais vetores de doenças, ou de incômodos, nos arvoramos no direito de condená-los à morte sem um justo julgamento prévio. E o que dizer das hordas humanas que passam fome e frio sob as marquises das cidades brasileiras?

Talvez a festa do boi esteja indelevelmente associada ao gasto de energia, e a pesca da tainha, ao ganho de energia. A primeira seria portanto ruim, reprovável, colaboradora voraz da entropia universal. Além de aludir ao lúdico e profano. A segunda seria a busca de uma utópica ordem, a manutenção da vida, essencial portanto.

Não quero, não vou e não posso defender a festa do boi. Mas como interpretar com olhar concordante o paradoxo das duas manchetes sem enxergar nelas doses fartas de hipocrisia, ingenuidade ou – no bom sentido – ignorância?

Tenho cá pra mim que aqueles que selecionaram os títulos e a dramaticidade das duas manchetes – e das reportagens – não consideraram nada disso. É possível que tenham apenas cumprido ordens ou da linha editorial ou das cordoalhas invisíveis da ideologia que calibram seus atos qual títeres.

Aplaca a minha ira contra quem cumpre ordens do segundo tipo imaginar que de tal sina ninguém escapa. Afinal parece que somos todos bois de tainha, quer dizer, bois de piranha de alguma ideologia. Aos participantes do primeiro time, teço sinceros votos de que possam, se possível, dormir em paz com suas contradições.

Luiz Teixeira do Vale Pereira
Nepet – março de 2011